

Governo opta pela desaceleração

OTÁVIO VERÍSSIMO

A nova etapa do Plano Real, inaugurada na última sexta-feira com a edição da medida provisória da desindexação, deverá se caracterizar pelo surgimento de sinais mais evidentes de desaceleração da atividade econômica, e que alguns economistas identificam como primeiros sinais de recessão.

Ao mesmo tempo em que a Nação voltava suas atenções para o Palácio do Planalto, onde o Governo fazia a apologia do nominalismo, o secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, confirmava, via Embratel, para um grupo de empresários reunidos pelo Banco Pontual, em São

Paulo, a reversão de cenários. "A economia deve passar para um crescimento da ordem de 4% a 5% observa, depois de informar que o Governo está convencido de que há desaceleração na economia.

"O que tanto perseguimos, está acontecendo", disse ele, enfatizando que o desaquecimento abre a possibilidade de início do processo de redução da taxa de juros. Segundo o secretário, essa diminuição se dará mediante uma redução da carga fiscal hoje existente, o que reafirma a estratégia do Governo de não promover mudanças bruscas na condução da política econômica.

Mendonça de Barros destacou, também, que a inflação voltará a subir em julho, em decorrência do

reajuste de algumas tarifas públicas, mas que sofrerá uma redução apreciável nos meses de agosto e setembro.

Opção — As declarações de Mendonça de Barros, embora feitas em tom moderado, ratificam a análise do ex-presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, segundo a qual o Governo escolheu o caminho da recessão para equilibrar a balança comercial e manter a inflação baixa.

Pastore alerta, porém, que "infelizmente o custo será grande, e foi gerado por um erro do Banco Central, que valorizou arbitrariamente a taxa de câmbio". Pelos seus cálculos, a taxa de câmbio está valorizada em 30%.